

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU

DANIELA DOS SANTOS BISPO

**A INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA SINTÁTICA DA LIBRAS NA PRODUÇÃO
TEXTUAL DO PORTUGUÊS ESCRITO COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA
SURDOS**

TOMÉ-AÇU
2018

DANIELA DOS SANTOS BISPO

**A INFLUÊNCIA TRANSLINGUÍSTICA SINTÁTICA DA LIBRAS NA PRODUÇÃO
TEXTUAL DO PORTUGUÊS ESCRITO COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA
SURDOS**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Francisca Carvalho.

TOMÉ-AÇU
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

B621i Bispo, Daniela dos Santos.
A influência translinguística sintática da libras na produção
textual do português escrito como segunda língua para surdos /
Daniela dos Santos Bispo. — 2018.
53 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Maria Francisca Carvalho
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2018.

1. Influência translinguística. 2. Ordem sintática. 3.
Bilinguismo. I. Título.

CDD 469

DANIELA DOS SANTOS BISPO

**A INFLUÊNCIA TRANSLINGÜÍSTICA SINTÁTICA DA LIBRAS NA PRODUÇÃO
TEXTUAL DO PORTUGUÊS ESCRITO COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA
SURDOS**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Aprovado em: 21 de maio de 2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Francisca Carvalho
Orientadora

Prof. Me. José Orlando Ferreira de Miranda Júnior
Examinador

Profa. Me. Rejane Santos Nonato
Examinadora

Conceito final: Excelente

*A minha amada mãe, Maria de Fátima, que nunca deixou de acreditar nos meus sonhos.
Aos meus avós maternos, Irene e Valdivino, por estarem sempre ao meu lado.
A todos os meus amigos e parentes que, de alguma forma, ajudaram e me incentivaram a realizar esse sonho.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu bondoso e eterno Deus por todas as bênçãos a mim concedidas, por ser meu porto seguro sempre e por ser a base do meu viver e da minha sabedoria, sem ele eu não teria conseguido realizar esse trabalho, a ele toda honra e glória.

Minha eterna gratidão aos meus professores, pelo incentivo e por amadurecerem meus conhecimentos, sem vocês eu não conseguiria chegar tão longe.

A minha mãe Maria de Fátima, que mesmo distante foi o meu maior exemplo de determinação, força e perseverança, pelo incentivo tanto emocional quanto financeiro, por sempre me apoiar nos meus projetos e acreditar que um dia eu seria vitoriosa.

Aos meus avós maternos, Irene e Valdevino, pela criação e, por além de avós, terem feito papel de pais na minha criação, por terem me ensinado virtudes do qual me orgulho e carrego comigo cada dia da minha vida e pela criação sempre com base na palavra de Deus.

A minha orientadora Francisca Carvalho, pelo incentivo, pelas palavras de força, pela orientação repleta de conhecimento, sabedoria e paciência, que me permitiram realizar esse sonho. Agradeço de coração.

Ao meu marido Paulino, que sempre esteve ao meu lado me apoiando.

A minha madrastra Maria e meu pai Fernando, pelo apoio no início da minha caminhada.

Aos meus amigos e parentes que mesmo distantes sempre torceram pela minha vitória, em especial, minha prima Priscila, que acompanhou minha apreensão em escrever este trabalho de conclusão do curso.

Enfim, a todos que de alguma forma me incentivaram e torceram por mim nos momentos bons e nos momentos que não foram tão bons. Aqui ficam meus sinceros agradecimentos a todos.

Celebrai com júbilo ao senhor, todas as terras. Servi ao senhor com alegria, apresentai-vos diante dele com cântico. Sabei que o senhor é Deus; foi ele quem nos fez, e dele somos; somos o seu povo e rebanho do seu pastoreio.

Salmo 23

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo geral investigar a influência translinguística de ordem sintática da Libras para a Língua Portuguesa. Pressupõe-se que o contato tardio com a Língua de Sinais afeta o sistema cognitivo do aluno, e que isso posteriormente, irá interferir no aprendizado da Língua Portuguesa. Adotou-se como aporte teórico: Souza (2014), o qual trata a influência translinguística como sendo, “a possibilidade de identificação de características da língua de maior proficiência - L1, no uso de uma língua de menor proficiência -L2” e Quadros (1997) que defende o bilinguismo como sendo uma proposta de ensino por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar, a saber, no caso da criança surda, a Libras como primeira língua e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua. O material utilizado para a coleta de dados era composto de uma história em quadrinhos sem fala de título “Luluzinha, a caçadora”. Participaram da pesquisa 3 (três) alunos surdos com idade de 18 e 24 anos cursando o 7º e 8º ano do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino do município de Tomé-Açu, Pará. Solicitou-se aos participantes que observassem uma sequência de imagens, em seguida, relatassem a sequência em Libras e, posteriormente, em Língua Portuguesa na modalidade escrita. Os resultados revelaram que não foi possível observar a influência translinguística de ordem sintática de L1, Libras, sobre a L2, a Língua Portuguesa, porque os surdos não conseguiram contar a história em Libras nem escrever o texto escrito em português, mas apenas palavras soltas, sem a construção de uma estrutura sintática.

Palavras-chave: Influência Translinguística; Ordem Sintática; Bilinguismo.

ABSTRACT

This research has as general objective to investigate the translinguistic influence of the syntactic order of Libras for the Portuguese Language. It is assumed that late contact with the Sign Language affects the cognitive system of the student, and that this will later interfere with the learning of the Portuguese Language. It was adopted as a theoretical contribution: Souza (2014), which treats the translinguistic influence as being "the possibility of identifying characteristics of the most proficient language - L1, in the use of a less proficient language" L2 "and Tables 1997) that defends bilingualism as a proposal of teaching by schools that aim to make two children accessible to the child in the school context, namely, in the case of the deaf child, Libras as the first language and the Portuguese language in written form as second language. The material used for data collection was composed of a comic book without a title, "Luluzinha, a caçadora". A total of 3 (three) deaf students aged 18 and 24 years enrolled in the 7th and 8th years of elementary school teaching in the city of Tomé-Açu, Pará, Brazil. Participants were asked to observe a sequence of images, and then reported the sequence in Pounds and later in Portuguese in written mode. The results showed that there was no translingual linguistic influence of L1, Libras, on the L2, the Portuguese Language, because the deaf people could not tell the story in Libras nor write the text written in Portuguese, but only loose words without the construction of a syntactic structure.

Keywords: Translingual Influence; Synthetic order; Bilingualism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de surdez.....	14
Quadro 2 – Categorias do Bilinguismo em relação ao léxico e sistemas conceituais nas duas línguas.....	19
Quadro 3 – Formas de aquisição de L2.....	21
Quadro 4 – Estágios de Interlíngua.....	23
Quadro 5 – Sinais produzidos pelo participante 1.....	33
Quadro 6 – Sinais produzidos pelo participante 2.....	38
Quadro 7 – Sinais produzidos pelo participante 3.....	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Carro	25
Figura 2 – Amargosa.....	25
Figura 3 – Morrer.....	26
Figura 4 – Print da história em quadrinhos utilizada como material para coleta de dados.....	29
Figura 5 – Produção em Língua Portuguesa do participante 1.....	36
Figura 6 – Produção em Língua Portuguesa do participante 3.....	41

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado.....	27
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental.....	27
LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais.....	11
L1 – Primeira Língua.....	11
L2 – Segunda Língua.....	11
UFRA – Universidade Federal Rural da Amazônia.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 APORTE TEÓRICO	14
2.1 SURDEZ.....	14
2.2 MÉTODOS DE ENSINO PARA SURDOS.....	15
2.3 PSICOLINGUÍSTICA DO BILINGUISMO	17
2.4 PROCESSAMENTO DA SEGUNDA LÍNGUA.....	19
2.4.1 Aquisição da segunda língua (L2)	20
2.5 INFLUÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS.....	21
2.6 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS SINTÁTICAS DA LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA	23
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3.1 A COLETA DE DADOS	27
3.2 MATERIAL	28
3.3 PARTICIPANTES	29
3.4 TAREFA EXPERIMENTAL.....	29
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	47
Anexo A - Solicitação de apoio da escola.....	48
Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	49
Anexo C - Continuação do termo de consentimento livre e esclarecido.....	50
Anexo D - Termo de compromisso do pesquisador.....	51
Anexo E - Termo de aceite do orientador.....	52
Anexo F - Recrutamento.....	53

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2005, a Língua Brasileira de Sinais foi regulamentada como disciplina curricular por meio do Decreto n. 5.626, estabelecendo que o ensino bilíngue para surdos fosse ofertado nas escolas de ensino público regular, dando a esse público o direito à aprendizagem e à manifestação de sua cultura por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), no entanto, nem todas as escolas que trabalham com a inclusão estão preparadas para lidar com as especificidades dos alunos surdos.

Dados veiculados no jornal *A Folha de São Paulo*¹ mostram que houve uma evasão escolar de 23% dos estudantes surdos no Brasil entre os anos de 2011 a 2016 no ensino regular de educação. Entre os fatos que podem estar ocasionando essa saída, o jornal destaca o despreparo das escolas para atender aos alunos surdos, falta de instrutores em Libras e materiais didáticos que atendam às necessidades desses alunos.

As pesquisas sobre o bilinguismo ainda são restritas, e o meu interesse em realizar um trabalho voltado para a aquisição da segunda língua do surdo surgiu durante a disciplina *Ensino-Aprendizagem do Português* como segunda língua para surdos, ministrado no sexto período na Faculdade de Letras. Deste modo, elaborei o projeto de pesquisa intitulado *A Influência Translinguística Sintática da Libras na produção textual do português escrito como segunda língua para surdos*, acerca das influências translinguísticas de L1 sobre a L2, pois, de acordo com Quadros e Karnopp (2004):

a língua de sinais brasileira, é organizada espacialmente de forma tão complexa quanto às línguas orais-auditivas. Diante disso, analisar alguns aspectos da sintaxe de uma língua de sinais requer “enxergar” esse sistema que é visuoespacial e não oral-auditivo. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127)².

De certa forma, tal desafio apresenta certo grau de dificuldade aos linguistas, por isso, foi levantado o seguinte questionamento: qual a influência translinguística no

¹ <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/11/1934293-reducao-de-novos-surdos-e-evasao-explicam-tema-da-redacao-do-enem.shtml>

² Tradução do original.

nível sintático da Libras na produção textual do português como segunda língua para surdos?

Segundo Zimmer, Finger e Scherer (2008), evidências aportadas por alguns estudos tendem a afirmar que a aquisição de aspectos sintáticos seria mais condicionada à idade de aquisição, ou seja, bilíngues tardios (os que adquirem a L2 após a infância) recrutariam áreas não sobrepostas às áreas do processamento sintático na L1. Partindo dessa constatação, diz-se que esse contato tardio com a Língua de Sinais afeta o seu sistema cognitivo, o que posteriormente irá interferir no aprendizado da Língua Portuguesa. Por isso, acredita-se que há influência sintática da Libras, contribuindo, positivamente, na aquisição da escrita da Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos.

A partir desse posicionamento, esta pesquisa demonstra a necessidade de analisar e entender a influência da língua materna na aquisição de uma L2 e até que ponto essa influência pode contribuir neste processo.

Como objetivo geral estabeleceu-se investigar a influência translinguística de ordem sintática de L1 sobre a L2 e como objetivos específicos, analisar as influências translinguísticas de L1 para L2 nos surdos do município paraense de Tomé-Açu e contribuir com os estudos do bilinguismo em usuários de Libras imersos em ambientes sociais em que há dominância da Língua Portuguesa.

O trabalho em questão se estrutura da seguinte forma: no capítulo 2 tem-se o aporte teórico, contendo os seguintes temas: Surdez, que refere-se à perda do grau variável da percepção normal dos sons; métodos de ensino para surdos, no qual faço uma abordagem sobre os principais métodos utilizados na educação dos surdos; Psicolinguística do Bilinguismo, que aborda como as estruturas linguísticas são adquiridas e desenvolvidas; Processamento da Segunda Língua no qual é tratado o processo de ativação da segunda língua; Aquisição de L2; Influências Translinguísticas, Diferenças e semelhanças sintáticas da Libras e Língua Portuguesa, abordando as principais características dessas línguas. Já o capítulo 3 analisa os resultados referentes a um estudo na EMEF Anthódio Barbosa, com alunos surdos que residem no município de Tomé-Açu e finalmente as minhas considerações finais sobre a pesquisa.

Espera-se que este estudo seja de grande valia a docentes, discentes e demais estudiosos da temática em questão.

2 APORTE TEÓRICO

Este capítulo traz os teóricos que serviram de base para a realização deste trabalho: surdez, de acordo com Lima (2006); Métodos de ensino para surdos segundo Quadros (1997); a Psicolinguística do Bilinguismo tratada por Finger (2015); o processamento da segunda língua segundo Zimmer, Finger e Scherer (2008); a aquisição de L2 de acordo com Quadros (1997); influência translinguística segundo Souza (2014) e Figueiredo (1995); e diferenças e semelhanças sintáticas da Libras e da Língua Portuguesa, de acordo com Quadros (1997) e Quadros e Karnopp (2004).

2.1 SURDEZ

Segundo Lima (2006, p. 19): “a surdez é caracterizada como uma perda, em grau variável, da percepção normal dos sons; no qual nota-se existência de vários tipos de pessoas com surdez, de acordo com os diferentes graus de perda da audição”, conforme o quadro abaixo:

Quadro 3 – Tipos de surdez

Tipos de Surdez	Graus em dB	Descrição
Surdez leve	de 16 a 40 dB	Essa perda impede que o indivíduo perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida
Surdez moderada	de 41 a 70 dB	Esses limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para que seja convenientemente percebida.
Surdez severa	de 71 a 90 dB	Este tipo de perda vai permitir que ele identifique alguns ruídos familiares e poderá perceber apenas a voz forte, podendo chegar até aos quatro ou cinco anos sem aprender a falar.
Surdez profunda	acima de 91 dB	A gravidade dessa perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a língua oral.

Fonte: Lima (2006)

Quando se relatam as características de uma perda auditiva, o correto é classificar de acordo com seu grau (leve, moderada, severa ou profunda).

2.2 MÉTODOS DE ENSINO PARA SURDOS

Por muito tempo, a surdez foi tida como uma deficiência, em que os surdos eram tidos como incapazes de manter qualquer tipo de comunicação, sendo submetidos a métodos contrários à aquisição de sua língua materna.

Dentro desse contexto, a educação dos surdos passou por diversos processos, dentre eles, por metodologias como o Oralismo, a Comunicação Total e a Educação Bilíngue. Esses métodos serão abordados de forma sintetizada neste estudo, pois este não é o principal foco do trabalho em questão, mas para que se possa retomar os conhecimentos já adquiridos e que se discute na sociedade, é feita esta retomada explicando cada um dos métodos citados.

O Oralismo consiste no ato de ensinar o surdo a oralizar por meio de métodos de repetição, treinamento auditivo e leitura labial, pois na época de seu uso, os surdos eram privados do uso da língua de sinais e do alfabeto manual, qualquer sinal gestual e comunicação com outros surdos era reprovado, pois acreditava-se que eles tinham que se comunicar com os ouvintes, os tomando como base na aquisição da sua linguagem, esse método foi utilizado durante muitos anos nas escolas.

No entanto, ele fracassou, uma vez que não serviu para melhorar a educação dos surdos, segundo Rosa (2013):

O oralismo, que foi defendido por séculos, mostrou-se insuficiente pedagogicamente. Os surdos profundos não aprenderam a falar satisfatoriamente, gerando então um desenvolvimento global tardio e falho. A aprendizagem da leitura e da língua escrita também fracassou, comprovando que se formavam sujeitos pouco preparados para o convívio social, marginalizando cada vez mais os surdos (ROSA, 2013, p. 10).

Quadros (1997) menciona que diante do insucesso do Oralismo, surge a Comunicação Total, com algumas vantagens sobre o método anterior, por permitir o uso de qualquer recurso linguístico, seja ele oral ou gestual, como meio de estabelecer uma comunicação com as pessoas com surdez, acreditando que mais importante é a comunicação e a interação e não apenas a aquisição de uma língua, porém, ele ainda

não possibilitava a aquisição de uma língua natural pelo surdo, pois utilizava-se a língua de sinais para o ensino do português sinalizado.

Quadros (1997) informa que o método bilíngue surgiu após o método da Comunicação Total e que, até os dias atuais, é considerado o método mais eficaz no ensino das pessoas surdas, pois consiste em ensinar a criança surda duas línguas no contexto escolar, sendo que a Libras é a língua materna ou primeira língua aprendida no contexto familiar e a Língua Portuguesa na modalidade escrita é considerada como segunda língua. Desta forma, o bilinguismo na educação de surdos pode ser compreendido como:

[...] uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta como sendo mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita (QUADROS, 1997, p. 27).

Toda criança, seja surda ou ouvinte já nasce com uma gramática internalizada e para o desenvolvimento dessa gramática, o sujeito surdo ou ouvinte precisa estar em contato com pessoas da mesma comunidade para que assim ele se sinta parte de uma sociedade e de uma cultura e tenha sua linguagem desenvolvida, mas tal realidade, na proposta oralista, é desconsiderada, pois seu foco principal é o desenvolvimento da língua oral (QUADROS, 1997).

O Bilinguismo torna-se então, segundo Rosa (2013), um dos métodos mais eficazes no ensino de deficientes auditivos, pois leva em consideração a realidade linguística e cultural do indivíduo surdo, sendo necessário no ambiente escolar uma área de atendimento especializado que favoreça o seu ensino, considerando sempre que aprender uma nova língua não envolve apenas o ambiente escolar, mas também, o contexto familiar e a sociedade em geral. Cabe ressaltar que o método utilizado na escola, locus da pesquisa, é o bilinguismo, pois os alunos têm acesso no contexto escolar à Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua.

2.3 PSICOLINGUÍSTICA DO BILINGUISTO

De acordo com Finger (2015, p.47): “os indivíduos têm potencial para adquirir e usar a língua ou as línguas a que são expostos desde a infância”. Para a autora, a Psicolinguística investiga como as estruturas linguísticas são adquiridas e quais são os processos cognitivos de aquisição, compreensão e produção da linguagem (verbal), entendendo a estrutura mental e todo o processo envolvido no uso de uma língua, seja ela oral, escrita ou de sinais.

A autora ainda menciona que a Psicolinguística analisa procedimentos relacionados à comunicação humana, com o uso da linguagem, focalizando as influências recíprocas entre mecanismos de processamento psicocognitivo e variações da compreensão e produção da linguagem oral, escrita e gestual (FINGER, 2015).

Cabe ressaltar que qualquer indivíduo (surdo ou ouvinte) possui a competência em adquirir e usar a língua ou as línguas a que são expostos desde a infância, Rosa (2013) menciona que a aquisição de uma língua natural, além de ser de grande valia e utilidade para que o indivíduo se encaixe em uma sociedade e em uma cultura, ainda incentiva o processo de aquisição de uma segunda língua, pois a língua natural é tomada como base para a aprendizagem de uma L2. Dentro dessa ótica e de maneira simplificada, pode-se dizer que Bilinguismo consiste na habilidade que o ser humano possui de fazer uso de duas línguas diferentes.

De acordo com Grosjean (1998 apud FINGER, 2015), os bilíngues adquirem suas línguas em várias etapas da vida, e usam cada uma delas para atingir diferentes objetivos, em contextos distintos e na convivência com interlocutores diferentes. Para a autora, o indivíduo inicia no modo monolíngue e passa por vários estágios até alcançar o modo bilíngue e tomando tal fato como premissa, ressaltam que:

[...] como as duas línguas do bilíngue são representadas no cérebro e interagem entre si, e de que forma os falantes bilíngues são capazes de alternar entre suas línguas dependendo de necessidades específicas ou de intenções comunicativas. Tanto no caso da Aquisição de Segunda Língua como no Bilinguismo, a aquisição e o uso podem ser estudados a partir de perspectivas psicolinguísticas, sociolinguísticas e educacionais. (FINGER, 2015, p.49-50).

A aquisição de uma língua de sinais, como primeira língua, facilita a aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua pelo surdo. Deve-se levar em consideração, que quanto mais cedo a criança for submetida as duas línguas em questão, maior será o domínio que ela terá de ambas as línguas. De acordo com Grolla e Silva (2014), diversos estudos mostram que quanto mais tarde se dá a exposição à língua de sinais, menos nativo é o domínio e o uso dessa língua pela criança surda.

Segundo Pires³ (2013), para que haja o desenvolvimento de uma segunda língua, é necessário que a criança já tenha pelo menos o domínio de uma primeira língua, para que assim ela possa tomar a L1 como base para o aprendizado de sua L2. Segundo a mesma autora, uma das teorias que explicam a aquisição de uma linguagem é a hipótese do inatismo defendida por Chomsky, na qual ele afirma que toda criança já nasce com a capacidade inata para adquirir uma língua, mas para que isso aconteça, ela terá que receber estímulos para que essa língua possa ser acionada e desenvolvida. De acordo com a hipótese do inatismo:

Existe uma gramática universal, que é uma matriz biológica responsável pela grande semelhança entre as línguas e pela rapidez com que as crianças aprendem a fala. Segundo essa concepção, o homem já nasce provido de uma grande variedade de conhecimentos linguísticos e não linguísticos. [...]. No caso da aquisição da linguagem, o meio cumpriria o papel de acionar o dispositivo responsável pela aquisição de língua (PIRES, 2013, p. 25).

Levando em consideração a realidade da criança surda, Quadros (1997) reforça a Teoria do Inatismo com a seguinte declaração:

Há um dispositivo de aquisição da linguagem – LAD- comum a todos os seres humanos que precisa ser acionado mediante a experiência linguística positiva, visível à criança, então a criança surda brasileira deve ter acesso à LIBRAS o quanto antes para acionar de forma natural esse dispositivo. A língua portuguesa não será a língua que acionará naturalmente o dispositivo devido, à falta de audição da criança. Essa criança até poderá vir a adquirir essa língua, mas nunca de forma natural e espontânea, como ocorre com a LIBRAS (QUADROS, 1997, p. 57).

Finaliza-se o presente tópico ressaltando a fala de Grolla e Silva (2014) ao mencionar que é de grande relevância, tanto para a criança surda quanto para a ouvinte, ser submetida a uma língua desde a mais tenra idade, pois é nessa fase que a criança está mais propícia a receber e desenvolver os estímulos a que são expostos,

³ <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/6405/1/ArquivoTotalThereza.pdf>

podendo dessa forma ter sua linguagem desenvolvida e aprimorada ao longo dos anos.

2.4 PROCESSAMENTO DA SEGUNDA LÍNGUA

Segundo Zimmer, Finger e Scherer⁴ (2008), o Bilinguismo possui várias maneiras, formas e configurações, nos quais as suas classificações alteram de acordo com as dimensões linguísticas, cognitivas, sociais e de desenvolvimento que são consideradas como foco de atenção, conforme demonstra o quadro a seguir.

Quadro 4 – Categorias do Bilinguismo em relação ao léxico e sistemas conceituais nas duas línguas

Bilinguismo coordenado	Duas palavras (uma de cada língua falada pelo bilíngue) representariam conceitos separados
Bilinguismo composto	Duas palavras (uma de cada língua falada pelo bilíngue) representariam um único conceito combinado
Bilinguismo subordinado	Uma palavra da L2 seria acessada por intermédio da sua tradução na L1

Fonte: Zimmer, Finger e Scherer (2008)

Importante ressaltar que as variadas habilidades estimuladas e desenvolvidas em várias situações de uso das duas ou mais línguas faladas pelos indivíduos, enfatizam o modo de ativação e processamento das línguas, que, para Grosjean (1999 apud ZIMMER; FINGER; SCHERER, 2008), constitui-se em um *continuum*, que se estende do monolíngue para o bilíngue, passando por vários estados intermediários de processamento e ativação das línguas usadas.

Para um melhor entendimento do processamento da segunda língua, considera-se que o indivíduo bilíngue é aquele que possui “controle nativo de duas línguas” (BLOOMFIELD, 1933, p. 56 apud ZIMMER; FINGER; SCHERER, 2008), mas vale ressaltar que:

Todo mundo é bilíngue. Ou seja, não há ninguém no mundo (nenhum adulto) que não saiba pelo menos algumas palavras em línguas que não a materna. A questão, é claro, é de grau; e é uma questão que continua a exercer a imaginação e constitui um importante veio de pesquisa (EDWARDS, 2006, p.7 apud ZIMMER; FINGER; SCHERER, 2008, p. 4).

⁴ http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_11_do_bilinguismo_ao_multilinguismo.pdf

Vaid (2002, p.5 apud ZIMMER; FINGER; SCHERER, 2008) descreve o indivíduo bilíngue como sendo aquele que conhece e utiliza duas línguas, que não são utilizadas no mesmo contexto, tão pouco dominadas com os mesmos níveis de proficiência. Dentro desse contexto, considera-se que boa parte da população mundial é bilíngue. Nessa mesma linha de raciocínio, aponta-se que:

[...] o bilingüismo como a habilidade de usar duas línguas, e o multilingüismo como a habilidade de usar mais do que duas línguas. Essa definição, calcada no uso, implica uma visão dos bi/multilíngües como pessoas com diferentes graus de competência nas línguas que usam. Assim, os bilíngües e multilíngües podem ter mais ou menos fluência numa língua do que em outra; podem ter desempenhos diferentes nas línguas em função do contexto de uso e do propósito comunicativo, entre outros motivos (ZIMMER; FINGER; SCHERER, 2008, p. 5).

O que se pode notar é que o bilinguismo e o multilinguismo não são estáticos e possuem perfil dinâmico, uma vez que o perfil do bi/multilíngue altera com o passar do tempo, à medida que ele progride no *continuum* ou deixa de utilizar uma das línguas (ZIMMER; FINGER; SCHERER, 2008).

2.4.1 AQUISIÇÃO DA SEGUNDA LÍNGUA (L2)

Para esta pesquisa será adotado o termo L2 quando se referir à segunda língua, ou seja, a que é aprendida subsequente à língua materna. Dentro dessa perspectiva, ressalta-se que o processo de aquisição de uma L2 é altamente complexo e subsidiado por diversos fatores, que segundo Silva e Calicchio (2016), podem ser de origem temporal, linguística e psicológica, como comportamentais, motivacionais, metacognitivos e de aptidão. Para os mesmos autores, qualquer aprendiz de L2 é constituído de um ‘arsenal’ linguístico de sua L1, desta forma é improvável pensar que um aprendiz não se utilizará desse ‘arsenal’ dominado por ele para navegar em um “mar desconhecido”. Conclui-se, portanto, que a L1 serve como uma bússola para os aprendizes de L2.

Considerando o estudo de Quadros (1997) sobre a aquisição de L2 observa-se que há basicamente três formas de aquisição, conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 3 – Formas de aquisição de L2

Aquisição simultânea da L1 e da L2	Ocorre com crianças que são filhas de pais que usam duas línguas diferentes ou usam uma língua diferente da língua usada na comunidade onde vive
Aquisição espontânea da L2 não simultânea	Ocorre com pessoas que passam a morar em um outro país onde é usada outra língua
Aprendizagem da L2 de forma sistemática	Ocorre em um ambiente artificial e de forma sistemática, observando metodologias de ensino

Fonte: Quadros (1997)

Quadros (1997) ainda ressalta que a aquisição da linguagem pela criança surda ocorre de forma sistemática, pois a língua será aprendida por meio de metodologias de ensino no ambiente escolar. No Brasil, mais recentemente (e de forma tardia), a iniciativa voluntária de adquirir uma segunda língua adquiriu mais visibilidade com os movimentos de democratização da Língua Brasileira de Sinais e o foco nos direitos linguísticos dos surdos, que fizeram com que esses indivíduos começassem a se interessar por Libras, seja por fins profissionais ou para fortalecer sua relação social-afetiva com os surdos (MOTA, 2008).

Nessa perspectiva, a Libras permitirá que o surdo desenvolva seu sistema cognitivo, além de propiciar a aquisição de sua segunda língua, a Língua Portuguesa na modalidade escrita (tratada aqui como L2). Por meio da Língua de Sinais, o surdo desenvolverá sua própria cultura, identidade e língua, podendo assim interagir tanto com surdos quanto com ouvintes. Partindo dessa premissa, pode-se considerar que a educação bilíngue permite à criança surda o acesso à primeira língua (Libras) e a uma segunda língua (Língua Portuguesa), utilizada na convivência com as pessoas da comunidade a que o surdo pertence.

2.5 INFLUÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS

Considerando que a aquisição de uma L1 e uma L2 são processos totalmente diferentes (STERN, 1970, p. 64 apud FIGUEIREDO, 1995, p. 42) afirma que a L1 pode influenciar a L2, uma vez que “a presença da primeira língua no indivíduo aprendendo uma segunda língua é um fator que não pode e não deve ser ignorado”. O autor ainda reforça “que as regras e hábitos da L1 interferem na aquisição de L2, ocasionando,

portanto, erros, pois o indivíduo irá apoiar-se na estrutura da L1 para produzir a L2” (STERN,1970, p. 64 apud FIGUEIREDO,1995, p. 42).

Por se tratar de uma língua totalmente diferente para os surdos, a aquisição da Língua Portuguesa passa por várias fases, em que a língua materna será o ponto de partida e a Língua Portuguesa será a língua-alvo, sendo que nesse percurso para se alcançar a língua-alvo surgirão as interlínguas. Essas interferências da língua materna com a segunda língua são estágios intermediários do processo de aprendizagem de uma segunda língua, ou seja, estágios de interlínguas. Brochado (2003 apud FERREIRA, 2016) apresenta algumas características dos três estágios de interlínguas, conforme o quadro abaixo.

Quadro 4 – Estágios de Interlíngua

Interlíngua 1	Interlíngua 2	Interlíngua 3
<ul style="list-style-type: none"> • Predomínio de construções frasais sintéticas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Justa posição intensa de elementos da L1 e da L2; 	<ul style="list-style-type: none"> • Predomínio de estruturas frasais SVO;
<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura de frases muito semelhante à Língua Brasileira de Sinais (L1), apresentando poucas características do Português (L2); 	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura da frase ora com características da Língua Brasileira de Sinais, ora com características da frase do Português; 	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecimento maior de estruturas complexas;
<ul style="list-style-type: none"> • Aparecimento de construções de frases na ordem SVO, mas maior quantidade de construções tipo tópico-comentário; 	<ul style="list-style-type: none"> • Frases e palavras justapostas confusas, não resultam em efeito de sentido comunicativo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Emprego maior de palavras funcionais (artigos, preposição, conjunção);
<ul style="list-style-type: none"> • Predomínio de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos, verbos); 	<ul style="list-style-type: none"> • Emprego de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos e verbos); 	<ul style="list-style-type: none"> • Categorias funcionais empregadas, predominantemente, com adequação;
<ul style="list-style-type: none"> • Falta ou inadequação de elementos funcionais (artigos, preposições, conjunções); 	<ul style="list-style-type: none"> • Emprego de palavras de conteúdo (substantivos, adjetivos e verbos); 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso consistente de artigos definidos e, algumas vezes, do indefinido; Uso de preposições com mais acertos;
<ul style="list-style-type: none"> • Uso de verbos, preferencialmente, no infinitivo; 	<ul style="list-style-type: none"> • Emprego de verbos no infinitivo e também flexionados; 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso de algumas conjunções coordenativa aditiva (e), alternativa (ou), adversativa (mas), além da subordinativa condicional (se), causal e explicativa (porque),

		pronome relativo (que) e integrante (que);
<ul style="list-style-type: none"> Falta de flexão dos nomes em gênero, número e grau; 	<ul style="list-style-type: none"> Às vezes, emprego de verbos de ligação com correção; 	<ul style="list-style-type: none"> Flexão dos nomes, com consistência;
<ul style="list-style-type: none"> Pouca flexão verbal em pessoa, tempo e modo; 	<ul style="list-style-type: none"> Uso de conjunções, quase sempre inadequado; 	<ul style="list-style-type: none"> Flexão verbal, com maior adequação;
<ul style="list-style-type: none"> Uso de artigos, às vezes, sem adequação quanto ao uso; 	<ul style="list-style-type: none"> Emprego de artigos, algumas vezes concordando com os nomes que acompanham; 	<ul style="list-style-type: none"> Marcas morfológicas de desinências nominais de gênero e de número;
<ul style="list-style-type: none"> Semanticamente, é possível estabelecer sentido para o texto. 	<ul style="list-style-type: none"> Muitas vezes, não se consegue apreender o sentido do contexto, parcialmente ou totalmente, sem o apoio do conhecimento anterior da história ou do fato narrado. 	<ul style="list-style-type: none"> Desinências verbais de pessoa (1ª e 3ª pessoas), de número (1ª e 3ª pessoas do singular e 1ª pessoa do plural) e de tempo (presente e pretérito perfeito), com consistência;

Fonte: Ferreira (2016)

Essa interferência é considerada uma influência translinguística, que de acordo com Souza (2014), ocorre quando as características da língua materna são identificadas no processo de aprendizagem da segunda língua. As interferências ocorrem devido a distância entre as línguas em aprendizagem e podem ser eliminadas na medida em que o indivíduo recebe o *input* apropriado, ajudando a moldar a sua aquisição de modo que se aproxime ao máximo da língua-alvo.

2.6 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS SINTÁTICAS DA LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

Para realizar um paralelo entre as diferenças e semelhanças sintáticas entre a Libras e a Língua Portuguesa, se faz necessário conceituar tais linguagens inicialmente.

De acordo com Quadros (1997, p. 46) “as línguas de sinais apresentam-se em uma modalidade espaço-visual, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais orais-auditivos, mas através da visão e da utilização do espaço”, reforçando, também, que “a diferença na modalidade determina o uso de mecanismos sintáticos especialmente diferentes dos utilizados nas línguas orais”

(QUADROS, 1997, p. 46). Assim, os surdos também fazem uso dos “sinais não manuais”, como movimentos do corpo e expressões faciais, usados para a marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais, de indicativos espaciais, incluindo os pronomes, permitindo correferência explícita e reduzindo a possibilidade de ambiguidades, já que na Libras não existe a marcação de gênero, ela é feita com o uso do @ (DUARTE; PADILHA, 2012).

EX: TER-NÃO. AH!, EU TER AMIG@ PERTO TER. NÚMERO SE@ ?

De acordo com Fernandes (1994 apud SANTOS; SANTOS; SANTOS, 2013), as estruturas internas das sentenças na Libras apresentam regras específicas, tais como a ausência de preposição, de conjunções e de verbos de ligação, a incorporação de verbos direcionais ou com concordância ou flexão, típico da língua espaço-visual, conforme o exemplo abaixo dos sinais em Libras para Carro (Figura 1) e Amargosa (Figura 2) em que a sentença da Língua Portuguesa para eles seria “Vou para Amargosa de Carro”

Figura 1 – Carro



Fonte: Santos; Santos; Santos, 2013

Figura 2 – Amargosa



Fonte: Santos; Santos; Santos, 2013

Assim, a estrutura sintática na Libras obedece à ordem básica SVO (sujeito – verbo – objeto), no entanto, podem ocorrer variações desse padrão, como OSV, SOV e VOS, que são ordenações derivadas de SVO. Assim, as mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, por exemplo, a concordância e as marcas não manuais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

As marcas não manuais, quando utilizadas, possibilitam diferir significados e podem ser divididas em dois campos: expressões afetivas e gramaticais, nas expressões não manuais afetivas, pode-se destacar seu uso para transmitir as emoções, como dor, alegria, tristeza etc. Deste modo, segundo Fernandes (1994 apud SANTOS; SANTOS; SANTOS, 2013), as expressões não manuais representam o

contexto do que se está falando, desconsiderando o contexto no qual se utilizaria o sinal de Morrer, com a expressão não manual de Feliz (Figura 3).

Figura 3 – Morrer



Fonte: Santos; Santos; Santos, 2013

Já a Língua Portuguesa é uma língua oral-auditiva, baseada nos sons e que faz uso de uma sintaxe linear, organizada, em geral, na ordem SVO, utilizando referências anafóricas, mas com algumas frases apresentando ambiguidade; o gênero é marcado a ponto de ser redundante, atribui-se um valor gramatical às expressões faciais, não as considerando como relevantes, apesar de poderem ser substituídas pela prosódia (PORTAL EDUCAÇÃO, s.d.).

Diante disso, percebe-se que a Libras é uma língua natural assim como o Português, mas cada qual possui suas regras e combinações de elementos estruturais, ou seja, ambas seguem princípios básicos gerais, porém, não deixam de ter suas especificidades. Cabe lembrar que a Língua Brasileira de Sinais não deve ser comparada ao português sinalizado, pois a Libras permite a comunicação espontânea das pessoas surdas, já o português sinalizado utiliza a ordem dos gestos numa frase em Português, não transmitindo de maneira válida o pensamento, visto não respeitar as regras gramaticais da Libras e a necessidade de uma lógica visual.

A Libras utiliza de mecanismos espaciais, recursos de repetição, expressões faciais e outros itens lexicais necessários, e a Língua Portuguesa utiliza de recursos orais-auditivos para que a sentença ou palavra seja transmitida e sua ideia repassada completamente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada no presente trabalho foi a da pesquisa experimental, realizada no período de 20 a 30 de dezembro de 2017.

No primeiro momento foi realizada visita às escolas onde a pesquisa seria realizada, já sendo feita, por meio de uma sondagem com a professora responsável pela sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), a seleção dos alunos para participarem dela.

De acordo com a professora, a escola no momento estava com número reduzidos de alunos surdos, pois muitos desistiram. Quando questionada se os alunos que ainda frequentam a escola conseguiriam realizar a atividade proposta, a professora foi bem enfática ao declarar que sim, de acordo com suas palavras: “em Libras, eu garanto que eles conseguem fazer, agora na Língua Portuguesa sem ter nenhuma ajuda, vão conseguir escrever, mas bem pouco”.

No segundo momento, retornou-se à escola, com a atividade em mãos para apresentar aos alunos por meio de uma narrativa sem fala, primeiramente, propondo uma tarefa de produção textual em Libras (toda a produção foi gravada em vídeo), uma vez que se deu em uma língua espaço-visual e, por último, foi proposta a produção de texto escrito em português, a partir da ordenação das imagens da história em quadrinhos.

A primeira escola onde se realizou a pesquisa foi a EMEF Dr. Anthódio Barbosa, localizada no município de Tomé-Açu, estado do Pará. A instituição de Ensino Fundamental II, foi fundada em 1973 e trabalha com o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na área da surdez desde 1999, atendendo a vários alunos surdos e com outras deficiências do município. Somente há 15 anos, os alunos surdos foram incluídos na sala de ensino regular, tendo acesso a todas as disciplinas do currículo dos alunos ouvintes.

Cabe ao atendimento da sala do AEE mediar a comunicação e a aprendizagem dos alunos surdos, por meio do ensino da Libras como meio de minimizar as dificuldades que professores, diretores, funcionários e alunos encontram nas diferenças de linguagem. Vale ressaltar que o AEE não deve ser confundido com reforço escolar, pois esse atendimento possui funções próprias do ensino especial, as quais não se destinam a substituir o ensino comum.

Os alunos também podem contar com o apoio do Albano Capela Lino, um dos primeiros surdos de Tomé-Açu a concluir o ensino superior, líder da comunidade surda do município, formado em Pedagogia e que trabalha na sala do AEE, auxiliando os surdos tanto no ensino de Libras quanto na questão de ter reforçada sua própria cultura.

Os alunos surdos podem recorrer ao atendimento na sala do AEE a qualquer momento, a fim de obterem auxílio na resolução das atividades de sala de aula, mas segundo a professora responsável pelo ensino de Libras, uma das dificuldades enfrentadas é a negação de alguns surdos em participar das aulas na sala de ensino especial. Os alunos frequentam o ensino regular na mesma escola que frequentam a sala de Atendimento Educacional Especializado, cabe ressaltar que na sala do AEE os alunos são atendidos por quatro profissionais, no entanto, nem todos têm formação em Libras.

A segunda escola utilizada na pesquisa foi a EMEF Ipiranga, localizada na Rodovia PA-256, km 2 da Colônia Jamic. A referida escola foi fundada na década de 1960, mais precisamente em 1962, e dispõe de uma sala de atendimento AEE, no entanto, não existe um profissional com formação em Libras para atendimento aos alunos surdos. Os alunos com algum tipo de deficiência são inseridos na sala do ensino regular sem o devido acompanhamento de um profissional.

Para a realização do estudo, foi preciso o apoio de três professoras que atuam no município: a primeira atua na Escola Anthódio Barbosa, tanto na sala regular quanto na sala do AEE atendendo aos alunos surdos; a segunda professora trabalha com surdos na Escola Municipal de Ensino Infantil Professora Priscila e na Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Brasil; e a terceira ministra a disciplina Libras na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA).

3.1 A COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi efetuada por meio de gravações em vídeo dos alunos produzindo uma história em Libras e em Língua Portuguesa, com a finalidade de encontrar nas construções sintáticas feitas pelos alunos as influências translinguísticas presentes da Libras para a Língua Portuguesa.

As gravações ocorreram via celular com os alunos, também foi realizada uma entrevista não estruturada, como forma de conversação com a professora responsável pelo atendimento dos surdos na sala do AEE e também professora na sala regular de ensino.

3.2 MATERIAL

O material foi composto de uma história em quadrinho sem fala intitulado “Luluzinha, a caçadora”, retirada da internet no endereço <http://blogdoxandro.blogspot.com.br/2012/06/hqs-luluzinha-cacadora.html>.

Figura 4 – Print da história em quadrinhos utilizada como material para coleta de dados



3.3 PARTICIPANTES

Inicialmente, participaram da pesquisa três alunos da rede municipal de ensino, da EMEF Anthódio Barbosa e uma aluna da EMEF Ipiranga, no entanto, só foram analisados os dados de dois alunos da Escola Anthódio Barbosa, pois um dos alunos é menor de idade e como a família havia mudado de cidade, não foi possível contato com os pais para assinar o termo autorizando o uso dos dados.

Participante 1 – M.F.S. 18 anos, matriculado no 7º ano do Ensino Fundamental II, no turno da manhã, na Escola Anthódio Barbosa. Não possui laudo médico na escola, mas segundo a professora responsável pelo ensino de Libras, o aluno em questão é surdo bilateral parcial, porém consegue oralizar um pouco.

Participante 2 – D.F.P. 24 anos, matriculado no 8º ano do Ensino Fundamental II, no turno da manhã, na Escola Anthódio Barbosa. É surdo total, porém não possui laudo na escola. Em sua ficha escolar, a mãe relata que descobriu que o filho não ouvia porque o ouvido externo sangrou e teve que levá-lo ao médico, a mãe ainda reforça que o filho nunca chegou a falar.

Participante 3 – E.C.O. 18 anos, matriculada no 8º ano do Ensino Fundamental II, no turno da manhã, na Escola Ipiranga. Não possui laudo na escola, possui alguns documentos de encaminhamento para consultas para tratar problemas relacionados a uma possível surdez.

3.4 TAREFA EXPERIMENTAL

Para que o proposto fosse alcançado, os alunos foram orientados a observarem durante cinco minutos uma história em quadrinhos sem fala, de título “Luluzinha, a caçadora”, em seguida, foi solicitado aos alunos, que, individualmente, relatassem em Libras os fatos ocorridos na história de acordo com a sequência de imagens, posteriormente, eles deveriam escrever a mesma história na modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Esta tarefa teve como objetivo verificar as ocorrências das influências translinguísticas de nível sintático de L1 sobre a L2 na produção textual dos participantes.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise dos dados obtidos, os vídeos gravados em Libras com os alunos foram traduzidos pela professora que trabalha com surdos na Escola Municipal de Ensino Infantil “Professora Priscila” e na Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Brasil e a professora que ministra a disciplina Libras na UFRA.

Destacam-se que os sinais apresentados nos quadros 5, 6 e 7 foram retirados da internet, pois não havia autorização para utilizar as imagens dos alunos reproduzindo os sinais.

Nas produções dos alunos, analisou-se as construções sintáticas, tanto da Libras quanto da Língua Portuguesa, as ocorrências ou não de influências translinguísticas de ordem sintática da língua materna para a segunda língua em aprendizagem e o uso de expressões não manuais como forma de diferenciar as construções sintáticas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão abordados os resultados e as discussões dos dados coletados durante a pesquisa, analisando se houve ocorrências ou não das influências translinguísticas sintáticas da Libras para a Língua Portuguesa.

Com base no que foi produzido pelos participantes nas gravações, quando eles reproduziram a sequência de imagens da narrativa em Libras, será apresentado um quadro com os sinais produzidos, de acordo com a ordem em que foram feitos pelos participantes.

De acordo como a professora N.C.F, responsável pelo ensino de Libras na Escola Anthódio Barbosa, um dos obstáculos enfrentados é o fato dos alunos passarem muito tempo sem estudar, e quando ingressam no ensino regular já são adultos, e a aprendizagem é mais difícil, conforme as palavras da professora: “Eles já são alunos muito adultos, passaram muito tempo sem estudar, aí quando vêm para escola a dificuldade é muito grande”.

A complexidade da aprendizagem destacada pela professora, é sustentada por Grolla e Silva (2014) ao afirmar que quanto mais tarde um indivíduo é exposto a uma língua, menos nativo será o domínio e o uso dela.

Neste sentido, apresentar-se-á, abaixo, os resultados da construção sintática dos três participantes, da seguinte maneira: 1) A descrição das gravações dos participantes no momento da produção textual em Libras e Português; 2) Quadro com os sinais produzidos em Libras e as análises; e 3) A produção textual em Língua Portuguesa e as análises.

1) Descrição das gravações dos participantes no momento da produção textual em Libras e Português

a) Participante 1

- Descrição da gravação da produção textual em Libras

A produção em Libras do participante 1, M.F.S., durou 0:20 (vinte segundos). Inicialmente, o aluno sorri com vergonha, em seguida abaixa a cabeça e observa

novamente a sequência de imagens da história em quadrinhos que está à sua frente, depois de alguns segundos, inicia sua produção em Libras.

Primeiramente, ele faz o sinal de caçar (internalizada no objeto), seguida, respectivamente, dos sinais de borboleta, árvore, estrela, caçar novamente, abrir (bolsa), colocar dentro, correr e vem.

Em seguida, ele repete o sinal de abrir e colocar dentro, faz uma pausa, inicia o sinal de abrir novamente, mas desiste e depois faz o sinal de doida. Quando termina, o aluno levanta a cabeça, sorri, segura o texto e abaixa a cabeça novamente. Importante ressaltar que toda a produção do participante 1 é feita de cabeça baixa e com o auxílio da sequência de imagens.

- *Descrição da gravação da produção textual em Língua Portuguesa*

A produção em Língua Portuguesa do aluno M.F.S. durou 5:50 (cinco minutos e cinquenta segundos). No primeiro momento, o aluno segura a caneta e fica por alguns segundos olhando para o caderno, em seguida, com a cabeça baixa, faz um movimento negativo com a cabeça, indicando que não consegue produzir. O movimento negativo é repetido três vezes, depois disso, o aluno coloca a caneta em cima do caderno e levanta a cabeça. A professora novamente explica para o aluno qual é a tarefa que ele tem que executar, ele mais uma vez balança a cabeça em negativa, olha ao redor, pensa por alguns minutos e segura a caneta.

O aluno observa por alguns segundos a sequência de imagens da história em quadrinhos, pega novamente a caneta, ajeita o caderno e tenta escrever algo, no entanto, novamente para, olha para as imagens, coloca a caneta na boca, fica por alguns segundos pensando e em seguida, abaixa a cabeça e começa a escrever, levantando sempre a cabeça para olhar a sequência de imagens, escreve uma palavra e olha a imagem. Por um momento, olha para o caderno, olha para as imagens, balança a cabeça negativamente e novamente tenta produzir.

O aluno levanta a cabeça, começa a brincar com a caneta, passando-a entre os dedos e faz um movimento negativo com a cabeça, observa por mais um instante as imagens e tenta escrever mais uma vez, escreve algumas palavras, para em alguns segundos e analisa o que foi escrito e ajeita uma palavra em sua própria produção, em seguida, continua escrevendo.

Levanta a cabeça, olha ao redor e volta a escrever, observa novamente as imagens, olha ao redor e escreve, para no meio de uma palavra, pensa por alguns segundos e termina a palavra. O aluno se mexe na cadeira, se ajeita e volta a escrever e para novamente, segura a caneta e observa o texto já produzido, fica por alguns segundos rodando a caneta e olhando a produção, e novamente volta a escrever algumas palavras. Em seguida, deposita a caneta em cima do caderno e fica de cabeça baixa olhando para ele, pega a caneta, escreve mais uma palavra, coloca a caneta em cima do caderno e o empurra na direção da professora.

b) Participante 2

- *Descrição da gravação da produção textual em Libras*

A produção em Libras do participante 2, D.F.P., durou 0:53 (cinquenta e três segundos). Inicialmente, o participante olha repetidas vezes para a professora, na tentativa que ela o ajude a realizar os sinais, posteriormente, olha para a sequência de imagens e novamente para a professora. Faz um movimento negativo com a cabeça, olha novamente as imagens, e faz o sinal em Libras de Não Entendo, olha para a professora e realiza um sinal não identificado.

Observa novamente as imagens, faz o sinal de não entendo, olha para a professora e faz outro sinal não identificado. Por alguns segundos, observa e aponta algumas das imagens com o dedo, faz um movimento negativo com a cabeça, aponta para as imagens e faz o sinal de Não Entendo, olha para a professora, faz o sinal Não Entendo novamente e entrega a história em quadrinhos.

- *Descrição da gravação da produção textual em Língua Portuguesa*

O participante não quis realizar a produção em Língua Portuguesa, portanto não há vídeo para realizar a descrição.

c) Participante 3

- *Descrição da gravação da produção textual em Libras*

A produção em Libras da participante 3, E.C.O, durou 0:57 (cinquenta e sete segundos). Inicialmente, ela observa as imagens por alguns segundos, faz movimentos e sons com a boca, na tentativa de oralizar. Em seguida, levanta a cabeça, aponta para uma imagem da sequência e realiza um sinal não identificado, novamente aponta para duas imagens, pensa por alguns segundos e faz o sinal de caçar (sinal internalizado no objeto). A participante observa por mais alguns segundos as imagens e faz outro sinal não identificado, aponta para uma imagem específica e realiza mais dois sinais não identificados, em seguida, faz o sinal de louca.

- *Descrição da gravação da produção textual em Língua Portuguesa*





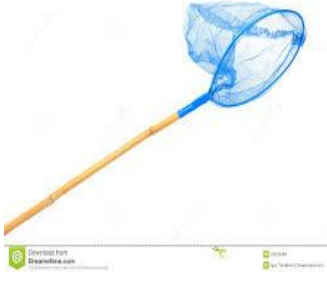

A tentativa de produção da participante E.C.O. durou 1:15 (um minuto e 15 segundos), a aluna pega a caneta e observa as imagens, aponta para cada uma delas e emite sons, na tentativa de oralizar o que está acontecendo nas imagens. Segura a caneta, curva a cabeça para a direita e pensa por alguns segundos, em seguida começa a escrever, escreve algumas letras, levanta a vista e olha novamente as imagens, olha para a frente, balança a caneta, olha para o caderno, em seguida, olha ao redor, coloca a mão no queixo e sorri.


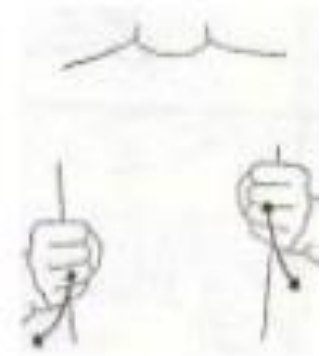




Olha repetidas vezes ao redor, apruma a caneta e escreve mais algumas letras, nunca deixando de observar as imagens da história que estão em cima da mesa, novamente levanta a cabeça, olha ao redor, inclina o corpo para a frente e para o lado respectivamente, levanta a caneta, hesita por alguns segundos, curva os lábios, balança a cabeça negativamente, dando fim a sua tentativa de produção em Língua Portuguesa.

2) Quadro com os sinais produzidos pelos participantes em Libras e as análises.

a) Participante 1

Quadro 5 – Sinais produzidos pelo participante 1

SEQUÊNCIAS DE SINAIS PRODUZIDOS EM LIBRAS			
PARTICIPANTE 1 (M.F.S.)			
1º sinal: caçar (sinal internalizado no objeto)		2º sinal: Borboleta	
3º sinal: Árvore		4º sinal: Estrela	
5º sinal: Caçar		6º sinal: Abrir	

<p>7º sinal: Colocar dentro</p>		<p>8ºsinal: Correr</p>	
<p>9º sinal: Vem</p>		<p>10º sinal: Abrir</p>	
<p>11º sinal: Colocar dentro</p>		<p>12º sinal: Doida</p>	

Elaboração: Da autora, 2018





Conforme o quadro 5, o participante produziu doze sinais em Libras que, traduzidos para o português, ficariam assim: "Caçar Borboleta árvore estrela caçar abrir colocar dentro correr vem abrir colocar dentro doida"

Como se pode observar, o participante é conhecedor de diversos sinais em Libras, mas em sua produção não foi possível identificar sentenças completas, seu texto é composto por sinais sem uma estrutura sintática coerente, percebeu-se também que em nenhum momento o aluno fez uso das expressões não manuais e a contextualização das imagens, ou seja, os sinais foram feitos sem nenhuma expressividade.

b) Participante 2

Segue abaixo o quadro 6 que trata da sequência de sinais produzidos pelo participante 2.

Quadro 6 – Sinais produzidos pelo participante 2

SEQUÊNCIAS DE SINAIS PRODUZIDOS EM LIBRAS	
PARTICIPANTE 2 (D. F. P)	
1º sinal: Não Entendo	
2º sinal:	Sinal não identificado
3º sinal: Não Entendo	
4º sinal:	Sinal não identificado
5º sinal: Não Entendo	
6º sinal: Não Entendo	

Conforme o quadro 6, o participante 2 em sua produção em Libras produziu seis sinais, sendo que dois eram sinais não identificados, sem nenhum referente em Libras, e os outros quatro eram a repetição do sinal Não Entendo em Libras. Os sinais não identificados que o participante realizou não mantêm nenhuma relação de sentido com o objeto referente (iconicidade). O participante 2 produziu apenas um sinal em Libras que, traduzido para o português seria “Não entendo”.

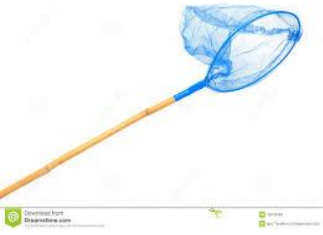
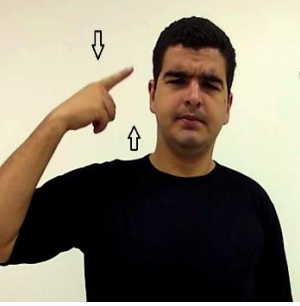
Como se pode observar, o participante não construiu uma frase com estrutura sintática em Libras, sua produção se resume a um sinal com um significado claro. Em resumo, na produção do participante 2 notou-se que o aluno não consegue fazer uso da Libras e nem da Língua Portuguesa levando a entender que ele ainda não possui domínio da L1 e nem da L2.

Segundo Pires (2013), para que um indivíduo possa desenvolver uma segunda língua, primeiramente, ela precisará ter domínio em uma primeira língua, para assim, usar a L1 como base para aprender a L2. Sendo assim, o participante em questão não possui domínio em nenhuma das línguas, visto que realizou apenas um sinal em Libras e não conseguiu produzir nenhuma sentença em Língua Portuguesa.

c) Participante 3

Segue abaixo o quadro 7 que trata da sequência de sinais produzida pelo participante.

Quadro 7 – Sinais produzidos pelo participante 3

SEQUÊNCIAS DE SINAIS PRODUZIDOS EM LIBRAS			
PARTICIPANTE 3 (E. C. O)			
1º sinal	Sinal não identificado	2º sinal: Caçar - sinal internalizado no objeto (rede de caçar borboleta)	
3º sinal	Sinal não identificado	4º sinal	Sinal não identificado
5º sinal	Sinal não identificado	6º sinal: Louca	

Fotos: Da autora, 2018

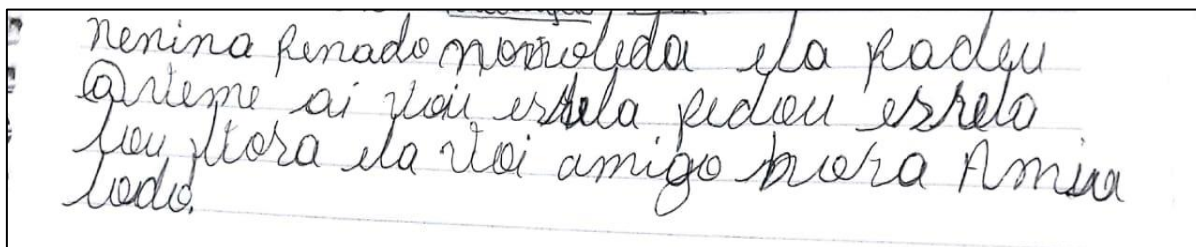
Conforme o quadro 7, a participante 3 produziu seis sinais, sendo que dois foram produzidos em Libras e quatro são sinais não identificados. Os sinais não identificados que a participante realizou também não mantêm nenhuma relação de sentido com o objeto referente (iconicidade). A participante 3 produziu dois sinais em Libras que, traduzidos para o português, seriam: “Caçar louca”.

Observa-se que a participante não construiu uma frase com estrutura sintática em Libras, os sinais produzidos pela participante foram o de caçar, realizado por meio do sinal internalizado do objeto, e o sinal de louca. Como se observa na imagem da sequência da história em quadrinhos, o personagem Bolinha já faz referência ao sinal, ressalta-se, que a participante não tem domínio da Língua Brasileira de Sinais, pois não consegue produzir sentenças com a estrutura sintática da língua em questão.

3) A produção textual em Língua Portuguesa dos participantes e as análises

a) Participante 1

Figura 5 – Produção em Língua Portuguesa do participante 1



Fotos: Da autora, 2018

Observou-se, por meio dos dados coletados, que a produção textual do participante 1 mantém estrutura semelhante à de Língua Portuguesa, no entanto, percebe-se que o participante é conhecedor das grafias das letras e que juntando-as formam-se palavras, mas muitos dos agrupamentos feitos não eram lexemas corretos e existentes na Língua Portuguesa, sendo assim, o participante desconhece as combinações que formam léxicos na L2, logo, conforme Brochado (2003 apud FERREIRA, 2016), ele ainda está em estágio inicial de aquisição de L2.

Em sua produção, o participante aparenta ter conhecimento sintático da Língua Portuguesa, apesar de algumas palavras serem de difícil decodificação, seu texto segue uma sequência, e ao final de toda sua produção é possível notar um ponto final, levando a entender que ele conhece algumas regras de pontuação presentes na Língua Portuguesa. O participante também faz uso do @, esta marcação, segundo Duarte e Padilha (2012), é usada para marcar o gênero, já que na Libras não se usa o masculino e o feminino, no entanto, ela foi usada de forma equivocada, ou seja, no início de uma palavra, dando a entender que ele conhece que esse termo é usado na Libras, mas não relaciona que é um termo direcionado para marcação de gênero.

O participante 1 faz uso de poucos elementos gramaticais do português, em dois momentos ele faz uso do pronome ela, retomando o termo menina citado no início de sua produção. Em nenhum momento faz uso das conjunções presentes na Língua Portuguesa, seu texto é composto por palavras soltas, sem elos coesivos, nota-se nas filmagens, que o participante não recorreu as imagens da narrativa e nem fez uso de

nenhuma marcação da Libras, nem sinais manuais, nem expressões faciais na decorrência da produção textual.

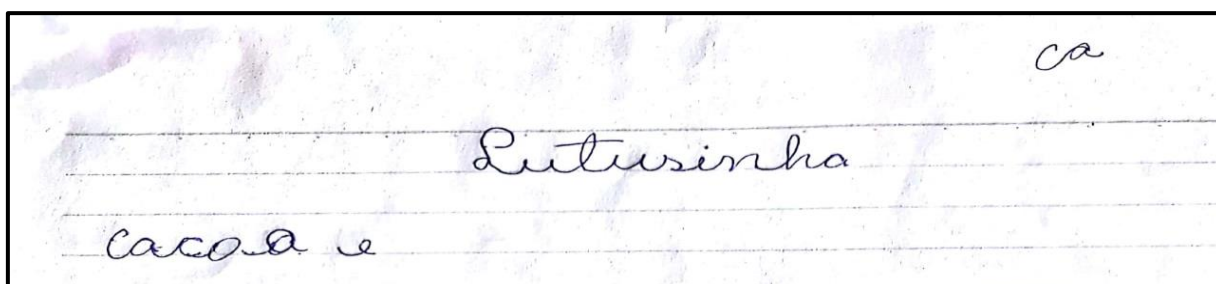
Como se pode analisar, nas duas produções do participante 1, não houve uma construção sintática coerente. Os dois textos, tanto o em Libras quanto em Língua Portuguesa, não possuem elementos gramaticais que estabeleçam relações entre as palavras. Sem esses elementos, não é possível transmitir um sentido coerente entre os termos da oração. Logo, o participante 1 ainda não possui domínio nem em Libras nem em Língua Portuguesa, e essa falta de domínio na L1 dificulta a aprendizagem da L2, pois, de acordo com Rosa (2013), a aquisição de uma língua natural facilita a aprendizagem de uma segunda língua.

b) Participante 2

O participante 2 não produziu o texto em Língua Portuguesa.

c) Participante 3

Figura 6 – Produção em Língua Portuguesa do participante 3



Fotos: Da autora, 2018

A produção textual da participante 3 é composta por duas palavras que foram retiradas do próprio título da história em quadrinhos (se observarmos no anexo da história em quadrinhos, é possível notar que o título vem grafado em cima da primeira imagem: “Luluzinha, a caçadora”). Constatou-se que a participante 3 é uma exímia copiadora, tem o perfil dos alunos que, quando incluídos na sala regular, conseguem acompanhar as atividades propostas pelo professor no quadro, mas quando solicitados a produzir um texto sem a intervenção do professor, ou mesmo sem o auxílio de um texto-base, não conseguem produzir o texto.

Resumidamente, os dados levantados para os três participantes apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1 – Resultado da produção dos participantes

Participantes	Libras	Português
Aluno 1	Produziu 12 sinais	Sentenças incompletas
Aluno 2	Produziu 4 sinais	Não escreveu
Aluno 3	Produziu 2 sinais	Duas palavras

Elaboração: Da autora, 2018

Na produção em Libras dos três participantes da pesquisa percebe-se que em nenhum momento foi feito uso de sequências que sigam uma ordem sintática da Libras. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a estrutura sintática da Libras segue a ordem SVO, podendo surgir algumas variantes de acordo com o contexto, que podem ser OSV, SOV e VOS, todas ordenações derivadas de SVO.

Destaca-se a ausência da expressão facial na produção dos participantes, as expressões faciais e os movimentos do corpo, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), são usados para a marcação de construções sintáticas ou para diferenciar itens lexicais. Em suma, na produção dos participantes, o que mais prevalece são sinais soltos, descontextualizados.

A Libras, assim como a Língua Portuguesa, deve ser ensinada contextualizada com a riqueza de descrições e expressões faciais para marcar as ações e acontecimentos em uma narrativa ou qualquer outro gênero.

As dificuldades que os surdos possuem de produzir textos em sua segunda língua (Língua Portuguesa), pode ser explicada por Pires (2013), quando ela afirma que para que um indivíduo desenvolva uma segunda língua, é necessário que ele já tenha domínio em sua primeira língua, neste caso, a Libras, para que assim a L1 seja usada como base para aprender a L2.

A partir dos argumentos supracitados, chega-se à seguinte conclusão: não é possível perceber a interferência translinguística sintática na produção textual dos participantes, pois os surdos participantes da pesquisa ainda não têm domínio sobre a L1 e isso dificulta ou mesmo impossibilita o desenvolvimento e a aprendizagem da L2.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se propôs como objetivo geral compreender as ocorrências de influências translinguísticas de ordem sintática da Libras para a Língua Portuguesa e para que tal objetivo fosse alcançado duas produções textuais foram solicitadas aos participantes: uma em Libras e outra em Língua Portuguesa.

Os resultados informam que não foi possível observar a influência translinguística de ordem sintática de L1, Libras, sobre a L2, a Língua Portuguesa, porque os surdos não conseguiram contar a história em Libras nem escrever o texto em português, mas apenas palavras soltas, sem a construção de uma estrutura sintática, conforme abaixo:

Participante 1: *"Caçar Borboleta árvore estrela caçar abrir colocar dentro correr vem abrir colocar dentro doida"*

Participante 2: Fez somente o sinal Não Entendo.

Participante 3: "Caçar louca"

De acordo com Pires (2013) para que haja o desenvolvimento de uma segunda língua é necessário que o indivíduo já domine uma primeira língua, para que assim, use essa língua materna como base para o aprendizado da L2. Dessa forma, não foi possível testar a proposição inicial desta pesquisa, levando ao seguinte questionamento: por que os participantes surdos deste estudo do município de Tomé-Açu não dominam a Libras?

Pesquisas precisam investigar acerca da situação real do ensino da Libras, especificamente em Tomé-Açu, pois o conhecimento da L1 que os participantes apresentaram nos vídeos coletados não é o suficiente para ser tomada como base para a aquisição de L2, já que suas produções são compostas por palavras soltas, sem uma construção sintática coerente.

Pesquisadores destacam que um dos fatores para o atraso do desenvolvimento da segunda língua, seria o fato da aquisição da língua materna nem sempre ocorrer no período de desenvolvimento natural da L1. De acordo com Grolla e Silva (2014) diversos estudos mostram que quanto mais tarde se dá a exposição à língua de sinais, menos nativo é o domínio e o uso dessa língua pela criança surda.

O contato do surdo na mais tenra idade com a Língua de Sinais pode suprir possíveis dificuldades e trazer mais benefícios, podendo propiciar a aquisição da modalidade escrita de uma língua oral, no caso do Brasil, a Língua Portuguesa.

Em muitos casos, a criança surda só tem acesso a sua língua materna quando vai à escola ou quando cresce e sente a necessidade de aprender Libras para melhorar sua comunicação com a sociedade. Quadros (1997) declara que todos os seres humanos possuem um dispositivo de aquisição de linguagem – o LAD, que deve ser acionado por meio de experiência linguística positiva. Deste modo, a criança surda deve ter acesso à Libras o mais cedo possível, para acionar de forma natural esse dispositivo.

Esse atraso na aquisição de uma língua traz diversos prejuízos sociais e acadêmicos. O contato do surdo apenas com a língua oral, pode também contribuir para um atraso ou possíveis dificuldades em relação a sua comunicação, uma vez que a língua oral não é sua língua materna.

Finalizando, considera-se que este trabalho seja de grande valia para os estudiosos da área do bilinguismo do surdo e seja o ponto de partida para despertar o interesse de aprofundar os estudos sobre a estrutura linguística da Libras.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 17 mar. 2018.
- DUARTE, A.; PADILHA, S. Relações entre língua de sinais e língua portuguesa em materiais didáticos: a notação pelos números semânticos. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.
- FERREIRA, M.G. Avaliação da aprendizagem da língua portuguesa escrita para surdos: um desafio escolar. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v.1, 2016.
- FIGUEIREDO, F. J. Q. Aquisição de aprendizagem da segunda língua. **Signótica**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 39-57,1995. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/sig/issue/view/433>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- FINGER, I. Psicolinguística do Bilinguismo. In: REBELLO, L. S.; FLORES, V. N. **Caminhos das letras**: uma experiência de integração. Porto Alegre: Ed. Instituto de Letras/UFRGS, 2015.
- GROLLA, E.; SILVA, M.C. **Para conhecer aquisição da linguagem**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- LIMA, D. M.C.A. et al. **Educação infantil**: saberes e práticas da inclusão, dificuldades de comunicação e sinalização: surdez. 4. ed. Brasília: MEC, 2006.
- MOTA, M. **Aquisição de segunda língua**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/10093986-Aquisicao-de-segunda-lingua.html>>. Florianópolis, 2008
- PIRES, T. **Aquisição de escrita por surdos**: um olhar sobre a adaptação curricular. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013
- PORTAL EDUCAÇÃO. **As diferenças entre Libras e Língua Portuguesa**. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/as-diferencas-entre-libras-e-linguaportuguesa/13504>>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- QUADROS, R. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed,1997.
- _____; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROSA, D. **Educação e surdez**: em defesa da língua de sinais para a inclusão social dos surdos. 2013. 53 f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Unirio, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, E.; SANTOS, C.; SANTOS, R. Sintaxe da libras e a (re) afirmação linguística: o óbvio que ainda precisa ser dito. **Interdisciplinar**, v. 17. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1341>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

SILVA, L.; CALICCHIO, F. Influências translinguísticas do português brasileiro nas línguas inglesa e japonesa sob uma abordagem psicotipológica. **Desempenho**, n.26, v.2, 2016.

SOUZA, R.; OLIVEIRA, C.; GUIMARÃES, M.; ALMEIDA, L. Efeitos do bilinguismo sobre a L1: evidências em julgamentos de aceitabilidade e no processamento online de bilíngues em imersão na L2 ou não. **Linguística**. v.10, n. 1, 2014.

ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. Do bilingüismo ao multilingüismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. **ReVEL**, v. 6, n. 11, 2008.

Sites pesquisados

<<http://blogdoxandro.blogspot.com.br/2012/06/hqs-luluzinha-cacadora.html>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

<<https://4.bp.blogspot.com/mR3xbzr0KU4/Uv5A60NRwl/AAAAAAAAAB6c/l2WsVx2avlY/s1600/3.bmp>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<<http://ensinesuasmasafalar.blogspot.com.br/2015/12/configuracao-de-mao.html>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<<https://pt.slideshare.net/thiagomagro/livro-libras>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

<<http://eugeniafernandespedagoga.blogspot.com.br/2012/11/libras-lingua-brasileira-de-sinais.html>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=NS_aAleNLXw>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<<https://www.pinterest.pt/pin/741405157375820948/>>. Acesso em: 23 mar. 2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=Hqjg-i_QYXY>. Acesso em: 23 mar. 2018.

ANEXOS

Anexo A – Solicitação de apoio da escola

Solicitação de apoio da escola**Título do Projeto: As influências translinguísticas sintática da libras no ensino-aprendizagem do português como segunda língua para surdos**Prezado(a) Sr.(a) Diretor(a), Alina Tábua dos Santos Lisboa

Solicitamos a participação da Escola Anthódio Barbosa, em uma pesquisa científica realizada pela aluna Daniela dos Santos Bispo, sob orientação da Professora Francisca Maria Carvalho, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, como requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras- Língua Portuguesa

Caso decida permitir a participação da escola, é importante que leia algumas informações sobre o estudo e sobre o papel do sujeito surdo nesta pesquisa. A participação não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento. A saída do estudo não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.

A realização desta pesquisa contribuirá para entendermos com mais clareza as influências translinguísticas sintática da libras para a língua portuguesa. A tarefa dos participantes consistirá em: a) Observar um texto constituído através da sequência de imagens, que formam cenas de uma narrativa; b) Após a observação, será iniciada a interpretação sinalizada da narrativa (LIBRAS) individualmente, a qual será gravada em vídeo com o uso do celular. c) . Por fim, será recontada a narrativa supracitada na modalidade escrita da Língua Portuguesa.

Os pais ou responsáveis poderão estar presentes durante as sessões. Após as gravações, os dados serão analisados.

O material será mantido sob guarda pela pesquisadora graduanda, Daniela dos Santos Bispo, com cópia para a orientadora Professora Francisca Maria Carvalho, pelo prazo de cinco anos. Os dados coletados serão utilizados para a presente pesquisa e poderão ser utilizados pela graduanda ou pelo orientador, em pesquisas futuras. Neste caso, haverá novo consentimento informado a ser assinado pelos pais ou responsáveis e o novo projeto será submetido à aprovação do COEP (Comitê de Ética em Pesquisa).

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o estudo, agora ou a qualquer momento. Caso você tenha mais perguntas sobre este trabalho, favor ligar para o número abaixo. Agradeço antecipadamente.

Orientanda: Daniela dos Santos Bispo

E-mail: danyela.bispo23@gmail.com

Telefone: (91) 99130-8963

Orientadora: Francisca Maria Carvalho

Faculdade de Letras – UFPA

E-mail: carvalhof730@gmail.com

Telefone: (91) 99171-1408:

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA) - Complexo de Sala de Aula/ICS - Sala 13 - Campus Universitário, nº 01, Guamá. CEP: 66.075-110 - Belém-Pará. Tel: 3201-7735 E-mail: cepccs@ufpa.br

Anexo B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: As influências translinguísticas sintática da libras no ensino-aprendizagem do português como segunda língua para surdos

ATENÇÃO: Este termo de consentimento pode conter palavras que você não entenda. Peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações que você não entendeu.

Eu, _____ (nome completo), concordo em participar da pesquisa científica realizada pela aluna Daniela dos Santos Bispo, sob orientação do Prof. Dr. Francisca Maria Carvalho, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará como requisito para conclusão de graduação.

Entendo que a participação na pesquisa não é obrigatória e poderá ser interrompida a qualquer momento, caso eu julgue necessário. A saída do estudo não trará nenhum prejuízo na relação com o pesquisador ou com a instituição.

A realização desta pesquisa contribuirá para entendermos com mais clareza como ocorre as influências translinguísticas sintática da libras no ensino-aprendizagem do português como segunda língua para surdos. Se você se interessar em participar, sua tarefa consistirá em: a) Observar um texto constituído através da sequência de imagens, que formam cenas de uma narrativa; b) Após a observação, será iniciada a interpretação sinalizada da narrativa (LIBRAS) individualmente, a qual será gravada em vídeo com o uso do celular. c) Por fim, será recontada a narrativa supracitada na modalidade escrita da Língua Portuguesa. Cada seção durará aproximadamente 30 minutos, podendo ser um pouco mais ou menos demorada de acordo com sua velocidade individual.

O fato de o experimento ser realizado, preferencialmente, em uma sala da minha escola visa a garantir a qualidade dos dados coletados, facilitando, assim, análise posterior. Será realizada duas seções (o tempo de execução de cada seção dependerá individualmente de cada participante) de aplicação do experimento. Estou ciente que o experimento será realizado com o uso de um celular e que não terei nenhum desconforto físico durante a aplicação do experimento. Por qualquer motivo poderei solicitar que o experimento seja interrompido. Após o experimento, os dados serão utilizados para a presente pesquisa e poderão ser utilizados pela doutoranda ou pelo orientador, em pesquisas futuras. Neste caso, haverá novo consentimento informado a ser assinado por mim e o novo projeto será submetido oportunamente à aprovação do COEP (Comitê de Ética e Pesquisa).

A participação na pesquisa não me acarretará gasto, sendo totalmente gratuita. Não serei identificado individualmente quando o material coletado for utilizado na pesquisa, seja para propósitos de publicação científica ou educativa. No entanto, algumas informações obtidas a partir da participação neste estudo não poderão ser mantidas estritamente confidenciais. As informações que podem ser utilizadas dizem respeito a minha idade, sexo e grau de instrução. Além dos estudiosos que estarão realizando a pesquisa, agências governamentais locais e o Comitê de Ética em Pesquisa da instituição onde o estudo está sendo realizado podem precisar consultar os registros. Ao assinar este consentimento, autorizo o acesso aos registros nestas condições.

Receberei uma cópia deste termo onde constam o telefone e o endereço da pesquisadora, do orientador e da instituição, podendo tirar minhas dúvidas sobre o estudo, agora ou a qualquer momento, pelos números abaixo.

Assinatura do participante

Anexo C – Continuação do termo de consentimento livre e esclarecido

Local: _____ Data: _____

Atesto que expliquei, cuidadosamente, a natureza e o objetivo deste estudo, os possíveis riscos e benefícios da participação no mesmo, junto ao participante e/ou seu representante autorizado. Acredito que o participante e/ou seu representante recebeu todas as informações necessárias, que foram fornecidas em uma linguagem adequada e compreensível e que ele/ela compreendeu essa explicação.

Assinatura da pesquisadora_____
Data_____
Assinatura do pesquisador (Orientador)_____
Data

Orientando: Daniela dos Santos Bispo

E-mail: danyela.bispo23@gmail.com

Telefone: (91) 99130-8963

Orientadora: Francisca Carvalho

Faculdade de Letras – UFPA

E-mail: carvalho730@gmail.com

Telefone: (91) 991711408

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (CEP-ICS/UFPA) - Complexo de Sala de Aula/ICS - Sala 13 - Campus Universitário, nº 01, Guamá. CEP: 66.075-110 - Belém-Pará. Tel: 3201-7735 E-mail: cepccs@ufpa.br

Anexo D – Termo de compromisso do pesquisador.

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

TÍTULO DO PROJETO: “AS INFLUÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS SINTÁTICA DA LIBRAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS”

ORIENTADOR:

PESQUISADORES:

Os pesquisadores do projeto acima identificados assumem os seguintes compromissos:

- 1- Preservar a privacidade e a integridade física dos entrevistados cujos dados serão coletados;
- 2- Manter sob sigilo as informações ofertadas, ou seja, serão utilizadas única e exclusivamente para a execução do projeto;
- 3- Respeitar todas as normas da Resolução 466/12 e suas complementares na execução deste projeto.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura da Aluna

Tomé Açu, 13 de março de 2018.

Anexo E – Termo de aceite do orientador

TERMO DE ACEITE DO ORIENTADOR

Eu, Professora Dra. Francisca Maria Carvalho, do Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagem, da Universidade Federal do Pará, aceito orientar o trabalho intitulado “as influências translinguísticas sintática da libras no ensino-aprendizagem do português como segunda língua para surdos” de autoria da aluna Daniela dos Santos Bispo. Declaro ter total conhecimento das normas de realização de trabalhos científicos vigentes, segundo a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa CONEP, estando inclusive ciente da necessidade de minha participação na banca examinadora por ocasião da defesa do trabalho. Declaro ainda ter conhecimento do conteúdo do anteprojeto ora entregue.

Tomé Açu, PA, 13 de março de 2018.

Assinatura

Anexo F – Recrutamento

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Projeto de Conclusão de Curso: **“AS INFLUÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS SINTÁTICA DA LIBRAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS”**

Docente:

Discente:

RECRUTAMENTO

A pesquisa terá a participação de 04 (quatro) alunos surdos do Ensino fundamental II da Escola Municipal de Ensino Fundamental Anthódio Barbosa. Os participantes serão recrutados por meio da Direção da referida escola quando serão explicados os objetivos da pesquisa, metodologia, os riscos e benefícios. Após consentimento da instituição, entregaremos um documento por escrito ao setor responsável, solicitando autorização para realização do experimento. Em seguida, entraremos em contato com os participantes, explicando-lhes, também os objetivos da pesquisa, a metodologia, os riscos e benefícios, de forma a convidá-los para participarem da pesquisa. Após aceite do participante, aplicaremos o experimento em sala adequada fornecida pela instituição.

Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura da Pesquisadora Responsável